

A máscara da Morte

E.T.A. Hoffmann

I

No dia de São Miguel, quando as ave-marias batiam no convento do Carmo, uma elegante berlinda de viagem puxada por quatro cavalos de posta rolava com estrondo pelas ruas da pequena cidade de Lilinitz, nas fronteiras da Polônia, indo parar diante do portão da casa que o velho Burgomestre alemão habitava.

Os filhos do Burgomestre, cheios de curiosidade, correram para a janela; mas a dona da casa levantou-se e atirou



zangada para cima da mesa com os apetrechos de costura.

— Maldita idéia a tua de mandares dourar a pomba de pedra, que encima a porta! — disse ela ao marido, que saía precipitadamente dum quarto próximo. — Aí tens mais viajantes, que tomam a nossa casa por uma hospedaria!

O velho sorriu com malícia, sem responder uma única palavra. Despiu num instante o roupão e vestiu o seu fato de cerimônia, o qual, escovado com cuidado quando o envergara para ir à igreja, estava estendido nas costas duma cadeira. Antes que a mulher estupefata tivesse aberto a boca para o interrogar, correria para a portinhola da berlinda que um criado abria. O Burgomestre tinha debaixo do braço o seu boné de veludo, e na obscuridade do crepúsculo brilhava-lhe a cabeça com reflexos de prata.

Uma senhora idosa, envolvida num manto cinzento de viagem, desceu da carruagem, seguida por outra mais nova com o rosto velado; esta encostou-se ao braço do Burgomestre e encaminhou-se para a habitação, mais arrastando-se do que andando. Logo que entrou no aposento foi cair, meio desmaiada, numa poltrona, que, a um sinal do marido, a dona da casa se apressara em oferecer-lhe.

— Pobre criança! — disse a senhora idosa ao Burgomestre, em voz baixa e melancólica. É preciso que fique alguns instantes ao pé dela.

E, ajudada pela filha mais velha do Burgomestre, tirou o manto de viagem. O seu vestido de freira e a brilhante cruz, que trazia ao peito, denunciavam-na como abadessa dum convento da ordem de Cister.

Entretanto a dama velada não dera sinais de vida a não ser um gemido fraco, pouco perceptível. Pediu por fim um copo d'água à dona da casa. Esta foi buscar toda a qualidade de elixires e de licores fortificantes, cujas propriedades maravilhosas elogiou, e pediu licença à dama para lhe tirar o véu espesso, que devia dificultar-lhe a respiração. Mas foram inúteis as instâncias da mulher do Burgomestre; a dama repeliu-lhe a mão voltando a cabeça com sinais de terror. A doente bebeu dois os três goles d'água, na qual a serviçal dona da casa deitara algumas gotas dum poderoso cordial; consentiu também em respirar um frasco de sais, mas sem levantar o véu.

— Preparou tudo como lhe foi indicado? — perguntou a abadessa ao Burgomestre.

— Sim, minha senhora,

respondeu o ancião; espero que o nosso sereníssimo príncipe fique contente comigo, bem como esta senhora, para quem tudo preparei o melhor que pude.

— Bem. Deixem-me por alguns instantes a sós com a pobre criança, tornou a abadessa.

A família saiu do aposento. Ouviram a abadessa falar à dama com fervor e unção e esta pronunciar algumas palavras num tom que comovia profundamente o coração.

Sem querer escutar, a dona da casa ficara junto à porta do quarto. Falavam italiano, o que contribuía para tornar a aventura mais misteriosa e aumentava a angústia da mulher do Burgomestre.

Este disse à filha e à mulher que preparassem vinho e refrescos e tornou logo a entrar no aposento.

A dama velada estava em frente da abadessa, com a cabeça inclinada, as mãos postas, parecendo mais sossegada. A abadessa aceitou alguns refrescos, que a dona da casa lhe ofereceu. Depois disse comovida:

— Vamos, já é tempo!

A dama velada caiu de joelhos. A abadessa estendeu-lhe as mãos sobre a cabeça e murmurou uma oração.

Depois abraçou-a, apertando-a contra o coração com uma veemência que bem provava o excesso da sua dor, e o rosto se encheu de lágrimas. Com uma imponente dignidade abençoou a família e, ajudada pelo velho, subiu precipitadamente para a berlinda, cujo tiro havia sido renovado.

O postilhão excitou os cavalos, que rinchavam ruidosamente, e a carruagem afastou-se com

rapidez.

Quando a dona da casa compreendeu que a dama velada, para quem haviam tirado da berlinda duas pesadas malas, ia ficar talvez por mui tempo ali hospedada, não pôde evitar um penoso sentimento de inquietação e de curiosidade. Foi ter com o marido ao vestíbulo, detendo-o na ocasião em que ia voltar para o aposento.

— Em nome do Cristo, murmurou ela com voz perturbada; quem meteste em casa? Porquê, estando tu prevenido de tudo, nada me disseste?

— Dir-te-ei tudo o que sei, respondeu tranqüilamente o ancião.

— Ah! Ah! — prosseguiu a mulher redobrando de agitação; mas talvez que tu não saibas tudo, pois não estavas há pouco

no aposento.

Logo que a senhora abadessa saiu, a dama, naturalmente incomodada pelo espesso véu, tirou-o e vi...

— Então o que viste? —
interrompeu o velho.

A mulher tremia e passeava em torno de si uns olhares espantados, como se houvesse visto um espectro.

— Nada, continuou ela. Não pude distinguir completamente as feições, porque o rosto ficou coberto por outro véu mais fino, mas pareceram-me as de um cadáver, de uma horrorosa cor de cadáver. E também deves notar que é evidente, o mais evidente possível, claro como o dia, que a dama está grávida. O parto não deve demorar-se muitas semanas.

— Já o sabia, mulher, disse o Burgomestre com modos desagradáveis. E com medo de

que caias doente de inquietação e curiosidade, vou esclarecer-te este mistério em duas palavras. O príncipe Zapolski, nosso poderoso protetor, escreveu-me há algumas semanas, dizendo-me que a abadessa do convento cisterciense de Oppeln me traria uma dama, pediu que eu a recebesse em minha casa, sem ruído, e evitando com cuidado olhares indiscretos. A dama, apresentada com o nome de Celestina, terá em minha casa o parto e depois ir-se-á embora com a criança. O príncipe recomendou-me com instância que tivesse para com ela as maiores atenções. Para me indenizar de despesas e trabalhos, mandou-me uma grande bolsa cheia de ducados, que podes ver, se quiseres remexer na minha cômoda. Acabaram-se os escrúpulos?

— Somos então obrigados, disse a mulher, a auxiliar os

pecados que os grandes cometem?

Antes que o ancião tivesse tempo de responder, a filha saiu do aposento e disse que a dama, tendo necessidade de descanso, desejava ser conduzida ao quarto que lhe era destinado.

II

O Burgomestre fizera arranjar o melhor possível dois pequenos quartos no andar superior e ficou seriamente embaraçado quando Celestina lhe perguntou se, além daquelas duas divisões, não tinha nenhuma outra, cuja janela desse para as traseiras da casa.

Respondeu negativamente, ajuntando, por descargo de consciência, que havia outro quarto muito pequeno, com uma só janela para o jardim, mas que a bem dizer não era um quarto e

sim uma péssima mansarda,
uma miserável cela, em que só
cabia uma cama, uma mesa e
uma cadeira.

Celestina pediu logo para ver o
tal quarto e, assim que entrou,
declarou que era exatamente o
que desejava, e que mudaria
para outro mais espaçoso, se
tivesse necessidade duma
enfermeira.

O Burgomestre comparara o
pequeno quarto a uma cela;
desde o dia seguinte esta
comparação tornou-se bem
exata. Celestina pregou na
parede uma imagem da Virgem
Maria e colocou em cima da
mesa um crucifixo. O leito era
um saco de palha com um
cobertor de lá. Exceto um
escabelo de pau e outra mesa
mais pequena, Celestina
recusou quaisquer outros
móveis.

A dona da casa, reconciliada

com a desconhecida pela
compaixão que lhe causava a
profunda e dilacerante dor
demonstrada pelo seu aspecto,
julgou do seu dever ir fazer-lhe
uma visita, ela porém, rogou-lhe
com as mais enternecedoras
instâncias que não lhe
perturbasse a solidão onde
encontrava as consolações que
a Virgem e os santos lhe
dispensavam.

Todas as manhãs, logo ao
despontar do dia, Celestina ia
ouvir a missa das almas ao
convento do Carmo.

Parecia consagrar o resto do dia
a exercícios de devoção, pois
que, sempre que havia
necessidade de entrar no quarto,
a encontravam orando ou lendo
livros religiosos.

Só comia legumes e só bebia
água. O Burgomestre
representou-lhe que o seu
estado e a conservação da sua

saúde exigiam melhor
alimentação, mas só à força de
muitas súplicas conseguiu que
ela aceitasse um pouco de caldo
e de vinho.

As pessoas de casa
consideravam este modo de vida
austero, clausttral, como
expição duma falta grave;
todavia sentiam pela
desconhecida uma comiseração
e veneração profundas,
aumentadas pela nobreza das
suas maneiras e pela cativante
graça dos seus movimentos.
Mas a persistência em nunca
levantar o véu, misturava a estes
sentimentos uma espécie de
terror. A não ser o Burgomestre
e a família, ninguém dela se
aproximava, e os habitantes, que
nunca haviam saído da pequena
cidade, não podiam reconhecer
as feições dum rosto que nunca
tinham visto e não conseguiam
assim desvendar o mistério.
Para que servia então o tal véu?

A ativa imaginação feminina inventou logo uma história medonha.

Um terrível sinal, diziam as mulheres, a marca das garras do diabo, arrogara horrorosamente o rosto da desconhecida; daí o uso do véu.

O Burgomestre teve mui trabalho em reprimir as murmurações, e em impedir que, pelo menos defronte da casa, não se juntassem fazendo errôneas conjecturas a respeito da desconhecida, cujos passeios ao convento do Carmo também foram notados.

Passaram a chamar-lhe "a dama negra do Burgomestre", qualificação que envolvia a idéia duma aparição sobrenatural.

O acaso quis que um dia, quando a filha do Burgomestre levava o jantar a Celestina, uma corrente de ar erguesse o véu. A desconhecida voltou-se com a

rapidez do relâmpago, para se subtrair ao olhar da moça; esta empalideceu e pôs-se a tremer; não lhe distinguira as feições, mas como sua mãe, vira uma face cadavérica dum branco marmóreo, e, profundamente encovados, uns olhos de fulgor estranho.

O Burgomestre combateu com razões as idéias da moça, mas ele próprio não estava mui longe de as partilhar e desejava ver sair de sua casa essa desconhecida, que ali levava a inquietação, não obstante a devoção de que fazia tanto alarde.

Uma noite, o ancião acordou a mulher e disse-lhe que já há alguns minutos ouvia queixumes, e gemidos, acompanhados de ligeiras pancadas, que pareciam vir do quarto de Celestina. A dona da casa, pressentindo o que seria, correu ao quarto da

desconhecida. Foi encontra-la vestida e envolvida no véu, deitada na cama quase sem sentidos e convenceu-se de que o parto estava próximo. Desde há mui que os preparativos necessários se achavam feitos, e, pouco tempo depois, nasceu um menino encantador e bem constituído.

Este acontecimento teve por efeito o acabar com o constrangimento que tornava pouco agradáveis as relações da família com Celestina. A criança era como que o medianeiro da reconciliação da mãe com a humanidade. O estado de Celestina não lhe permitia as práticas ascéticas, e a necessidade que tinha dos cuidados assíduos dos seus semelhantes habituou-a gradualmente à sua presença. A dona da casa, que tratava da doente e que por suas próprias

mãos lhe preparava os caldos nutritivos, esqueceu, entregando-se a estes trabalhos domésticos, a desconfiança que desde o começo lhe inspirara a enigmática desconhecida. O Burgomestre, todo contente, brincava e ria com o pequeno como se ele fosse seu neto e acostumou-se, assim como o resto da família, a ver Celestina sempre com o véu, que nem mesmo por ocasião das dores de parto quisera tirar. A parteira fora obrigada a jurar-lhe que, mesmo no caso dum desmaio, não lhe tiraria o véu, o que só faria, no caso de eminente perigo. Era certo que a mulher do Burgomestre vira Celestina sem o véu, mas aquela limitava-se a dizer:

— Pobre senhora! Bem precisa de esconder o rosto!

Dias depois voltou o monge do convento do Carmo que baptizou a criança. A sua

conversação com Celestina, que ninguém se atreveu a ir perturbar, durou mais de duas horas. Ouviram-no falar acaloradamente e orar. Logo que ele saiu, foram encontrar Celestina sentada numa poltrona, com o filho deitado nos joelhos; a criança tinha os ombros cobertos com um escapulário e via-se ao peito um Agnus Dei.

Semanas e meses se passaram sem que viessem buscar Celestina e o filho, como o Burgomestre esperava e como Ihe afirmara o príncipe Zapolski. A desconhecida entraria na intimidade da família se não fosse o fatal véu. O Burgomestre lembrou-se um dia de Ihe pedir explicações, porém ela respondeu com voz surda e solene:

— Só trocarei este véu pela mortalha.

O Burgomestre calou-se e de novo desejou a volta da berlinda e da abadessa.

III

Tornara a primavera; a família do Burgomestre voltava dum passeio e trazia ramalhetes de flores, as mais belas das quais eram destinadas à devota Celestina.

Na ocasião em que iam a entrar em casa, parou um cavaleiro defronte da porta. Trazia o fardamento dos oficiais de caçadores da guarda imperial francesa; perguntou com instância pelo Burgomestre.

— Sou eu, disse o ancião, e está à minha porta.

O cavaleiro apeou-se rapidamente, prendeu o cavalo a um poste e correu para dentro de casa, gritando com voz estridente:

— Ela está aqui! Ela está aqui!

Subiu rapidamente a escada.

OuvIU-se uma porta que se abria, e Celestina dar um grito de angústia. O Burgomestre acudiu cheio de medo.

O desconhecido arrancara a criança do berço, envolvera-a no manto, e agarrava-lhe com o braço esquerdo enquanto com o direito repelia Celestina, que empregava todos os esforços para tirar o filho ao raptor. Nesta luta, o oficial fez cair o véu e viram então um rosto pálido e inanimado, assombrado por madeixas de cabelos negros, uns olhos que dardejavam relâmpagos e uns lábios imóveis e entreabertos donde saíam clamores estridentes.

O Burgomestre compreendeu que Celestina tinha uma máscara branca estreitamente ligada ao rosto, cujos contornos desenhava.

— Horrível mulher! — gritou o oficial, queres que eu partilhe a tua loucura?

E repeliu Celestina com tanta força que esta caiu no chão. A pobre senhora abraçou-lhe os joelhos, esmagada por urna dor invencível.

— Deixa-me essa criança, disse ela num tom suplicante, que dilacerava o coração. Pela tua salvação eterna, não ma roubes! Em nome do Cristo e da Virgem Santa, dá-me essa criança!

E, apesar destas veementes lamentações, nenhum músculo mexia; os lábios daquele rosto de cadáver ficavam imóveis; os circunstantes sentiam que o sangue se lhes gelava nas veias, de horror.

— Não! — retorquiu o oficial, como que arrebatado pelo desespero, não, mulher desumana e inexorável! Podes arrancar-me o coração, mas, no

teu delírio funesto, não deves
perder este ente, que o céu
destinou a minorar as dores
duma ferida que sangra ainda!

O oficial apertou com mais força
a criança contra o seio; esta pôs-
se a chorar e a gritar.

— Vingança! — uivou Celestina
com voz surda — que o castigo
do céu caia sobre ti, assassino!

— Deixa-me, deixa-me, afasta-te,
aparição saída do inferno —
exclamou o oficial.

E, empurrando com o pé
Celestina, com um movimento
brusco, tentou alcançar a porta.
O Burgomestre embargou-lhe a
passagem, mas o oficial puxou
rapidamente por uma pistola e
apontou-a ao velho.

— Uma bala na cabeça daquele
que tentar tirar o filho a seu pai!

Dizendo isto, desceu
precipitadamente a escada,
correu para o cavalo, sem largar
a criança, e partiu a galope.

A dona da casa, com o coração comprimido, dominando o horror que lhe inspirava a terrível máscara de cadáver, entrou no quarto no intuito de consolar Celestina; foi encontrar a pobre mãe no meio da casa, imóvel e muda como uma estátua, com os braços pendentes. Não podendo suportar a vista da máscara, a mulher do Burgomestre pôs a Celestina o véu que caíra no chão. Esta não pronunciou uma palavra, não fez um movimento; estava reduzida ao estado de autômato. Ao vê-la assim, a mulher sentiu redobrar a sua inquietação e ansiedade e pediu a Deus que a livrasse da funesta desconhecida.

Fôra ouvida aquela prece, porque imediatamente a berlinda que trouxera Celestina parou defronte da porta. A abadessa entrou acompanhada pelo

príncipe Zapolski.

Quando este soube o que acabava de passar-se, disse com mui sossego, suavemente:

— Chegamos mui tarde!

Submetamo-nos à vontade de Deus!

Celestina foi levada e colocada na carruagem, sem movimento, sem fala, sem dar o mínimo sinal de vontade, de pensamento. A berlinda partiu.

O ancião e a família como que acordavam dum mau sonho, que os enchera de inquietações.

Pouco depois das cenas passadas em casa do Burgomestre, era enterrada com uma solenidade desacostumada, uma religiosa da ordem de Cister, em Oppeln. Correu o boato de que esta freira era a condessa Hermenegilda de Czernski, que todos julgavam estar em Itália com a irmã do pai, a princesa Zapolski.

Pela mesma época, o conde Nepomuceno Czernski, pai de Hermenegilda, veio a Varsóvia e reservando para si apenas uma pequena propriedade na Ucrânia, renunciou ao resto dos seus bens a favor dos dois filhos do príncipe Zapolski, seus sobrinhos. Perguntaram-lhe se dotava a filha; por única resposta ergueu ao céu os olhos úmidos de lágrimas, dizendo com voz surda:

— Já está dotada!

Não empregou meio algum para confirmar o boato da morte de Hermenegilda no convento de Oppeln, nem para destruir as suposições que faziam sobre a sorte da filha, que todos julgavam como vítima levada prematuramente ao túmulo pela dor.

Vários patriotas polacos, humilhados, mas não abatidos pela queda da pátria,

procuraram fazer entrar de novo o conde numa associação secreta, que se destinava à libertação da Polónia; mas não encontraram já nele o homem ardente, amante entusiástico da liberdade e da pátria, cuja coragem heróica outrora os auxiliara nas suas nobres empresas. Tornara-se um velho sem energia, feito misantropo por uma dor profunda, estranho a todas as cousas mundanas.

IV

Outrora, na época em que o primeiro desmembramento da Polónia excitou uma sanguinolenta insurreição, o castelo do conde Nepomuceno de Czernski fora teatro das secretas reuniões dos patriotas. Ali, em banquetes solenes exaltavam-se os conjurados, jurando combater pela oprimida

pátria. Hermenegilda aparecia no meio destes heróis, como um anjo descido dos céus para os abençoar. Tinha a índole das mulheres da sua nação; tomava parte em tudo, até mesmo nas deliberações políticas; examinava com atenção o estado das cousas, e, apesar de não ter ainda dezessete anos, combatia por vezes o modo de ver geral; a sua opinião, ditada pelo bom senso e por uma extraordinária penetração, arrastava a maioria da assembléia.

Segundo Hermenegilda, ninguém era melhor conselheiro, ninguém examinava melhor as questões do que o conde Estanislau de Ramskay, mancebo de vinte anos, ardente e dotado de grandes qualidades. Acontecia, pois, que, por vezes, Hermenegilda e Estanislau dirigiam o curso das discussões difíceis. A sós, examinavam,

aceitavam, rejeitavam e emendavam as propostas; e quase sempre o resultado destas conferências era adotada por velhos hábeis em tratar dos negócios do Estado, e cuja prudência e capacidade eram comprovadas pelos seus conselhos de outrora.

Natural era pensar numa união entre os dois jovens, cujos maravilhosos talentos podiam ser instrumento da salvação da pátria. Além disto a política parecia exigir uma aliança estreita entre as duas famílias, porque as julgavam animadas, uma contra a outra, por interesses opostos, circunstância esta que já arrastara à ruína muitas famílias polacas.

A donzela, compenetrada destas idéias, aceitou como dádiva da pátria, o esposo que lhe destinavam. As patrióticas

reuniões do castelo terminaram pelos solenes esponsais de Hermenegilda e Estanislau.

Sabe-se como sucumbiram os polacos e como a queda de Kosciusko¹ produziu a ruína de uma empresa baseada na demasiada confiança que os combatentes tinham em si próprios, em falsas previsões e numa fidelidade cavalheiresca.

O conde Estanislau, cuja estreia na carreira militar, juventude e força lhe marcavam um lugar no exército, bateu-se com a coragem do leão; a custo escapou a um vergonhoso cativo e ficou gravemente ferido. Só Hermenegilda o prendia então à vida; julgava ir encontrar nos seus braços consolações e a esperança que perdera. Logo que as feridas começaram a cicatrizar, correu ao castelo do conde Nepomuceno, onde ia ser ferido

de novo e mais profundamente.

Hermenegilda recebeu-o com altivez quase desdenhosa.

— Onde está o herói que queria morrer pela pátria? — perguntou ela, indo-lhe ao encontro.

No seu louco entusiasmo parecia considerar o noivo como um paladino dos tempos heróicos, cuja espada podia, por si só, aniquilar exércitos.

Em vão o conde implorou com o mais apaixonado amor, em vão protestou que nenhum poder humano podia lutar contra a torrente devastadora, que caíra mugindo sobre a malfadada Polônia; foi tudo inútil.

Hermenegilda, cujo coração frio como a morte só podia aquecer no turbilhão das cousas mundanas, persistiu na resolução de só conceder a sua mão ao conde Estanislau, quando os estrangeiros fossem expulsos da pátria.

O conde viu já tarde que
Hermenegilda o não amava; a
condição que esta lhe impunha,
se viesse a realizar-se, só se
daria num tempo mui longínquo.
Jurou à sua bem amada que lhe
seria fiel até à morte, e deixou-a
para ir alistar-se no exército
francês, que combatia em Itália.
Diz-se que as mulheres polacas
têm uma índole fantástica que
lhes é própria. Sensibilidade
profunda, inconstância,
abandono, abnegação estóica,
paixões ardentes, frieza glacial,
tudo isto se contém à mistura na
sua alma, e produz à superfície
espantosas instabilidades. Os
caprichos do seu gênio variável,
assemelham-se aos
redemoinhos dum ribeiro
revolvido nas suas profundezas,
à superfície do qual sobem sem
cessar novas ondas mugidoras.
Hermenegilda viu com
indiferença o noivo afastar-se;
mas, passados alguns dias,

sentiu apoderar-se dela um desejo inexprimível, desejo que só o mais ardente amor podia gerar.

O vendaval da guerra passara. Proclamada uma anistia, foram postos em liberdade os oficiais polacos prisioneiros. Vários irmãos de armas de Estanislau chegaram ao castelo; conversaram com profunda dor do dia da derrota, e da intrepidez que todos, sobretudo Estanislau, haviam mostrado. No momento em que a batalha parecia perdida, o conde fez voltar ao combate os batalhões que recuavam, e conseguiu com a cavalaria romper as fileiras inimigas. Era duvidosa a sorte da batalha quando o atingiu uma bala. Caiu banhado em sangue, repetindo estas palavras:

— Pátria!... Hermenegilda!

Cada palavra daquela narrativa era uma punhalada que

trespassava o coração da donzela.

— Não, não sabia que o amava ardentemente, disse ela. Que demônio me cegou e me induziu em erro? Que demônio me fez crer que podia viver sem aquele que é a minha vida? Enviei-o à morte! Não voltará!

E assim Hermenegilda desafojava as tempestuosas dores que lhe iam na alma. Sem sono, incapaz de tomar o mínimo descanso, errava pelo parque, de noite, e, como se o vento pudesse levar ao amado ausente as suas palavras, gritava:

— Estanislau! Estanislau, volta! Sou eu, é Hermenegilda que te chama! Não me ouves? Volta ou morrerei de inquietação, de amor e de desespero!

A agitação de Hermenegilda ameaçava degenerar em verdadeira loucura, que se manifestava por mil extravagâncias. O conde Nepomuceno, cheio de temor e de ansiedade pelo estado da filha querida, julgou que talvez lhe fossem salutareos os socorros da medicina, e conseguiu encontrar um doutor que condescendeu em passar algum tempo no castelo e em tomar conta da doente. O seu método, mais moral do que físico, não produziu resultado algum.

A cura de Hermenegilda tornou-se mui duvidosa. Após longos intervalos de tranqüilidade, a jovem recaía de improviso nos mais estranhos paroxismos.

Uma aventura íntima deu à doença de Hermenegilda uma nova direção sintomática.

Tinha ela um boneco vestido de

ulano, ao qual testemunhava
viva ternura e prodigalizava os
mais doces epítetos, como se
ele fosse o seu bem amado.
Atirou-o ao fogo do salão,
despeitada, porque ele não tinha
querido cantar uma canção
polaca que principiava assim:

*"Podrosz twoja nam
nie mila"*

*"Milsza przyiazin w
kraiu byla"*

*(Não nos foi agradável a tua
viagem,
A tua amizade era-nos
preciosa no país)*

Quando atravessava o vestíbulo,
para ir para os seus aposentos,
ouviu um tinido e a bulha de
passos. Olhou em torno de si e
viu um oficial com o grande
uniforme da guarda imperial
francesa, que trazia um braço ao
peito.

— Estanislau! Meu Estanislau!
— exclamou ela, correndo para
ele e caindo desmaiada nos
seus braços.

O estupefato oficial a custo susteve Hermenegilda com o braço livre, pois que a jovem, alta e nutrida, estava longe de ser um fardo ligeiro; conduziu-a para uma sala lateral, apertando-a contra o peito numa pressão crescente. Ao sentir o coração da jovem bater tão perto do seu, o oficial confessou que era esta a aventura mais deliciosa que até ali lhe acontecera.

Os minutos passavam; o oficial sentiu invadi-lo o fogo dos desejos, cujas centelhas elétricas jorravam do corpo encantador que apertava nos braços.

O conde Nepomuceno, que saía dos seus aposentos, foi encontrar a filha ainda desmaiada nos braços do oficial; mas neste momento Hermenegilda voltou a si, beijou o oficial com calor, e exclamou de novo, no seu delírio:

— Estanislau! Meu bem amado!
Meu esposo!

O oficial todo trêmulo, com o rosto vermelho, perdeu a firmeza, recuou um passo e desenvencilhou-se com brandura do convulsivo amplexo de Hermenegilda.

— É este o mais suave momento da minha vida, balbuciou ele com timidez, mas não quero gozar duma ventura proporcionada por um equívoco. Não sou Estanislau, com pesar meu, não sou Estanislau!

Ao ouvir estas palavras, Hermenegilda espantada deu um salto para trás, fixou no oficial um olhar penetrante, convenceu-se de que fora enganada por uma extraordinária semelhança e afastou-se lastimando-se.

O oficial deu-se a conhecer pelo conde Xavier de Ramskay, primo de Estanislau. O conde Nepomuceno mal podia

acreditar que, em tão pouco tempo, a criança que conhecera se houvesse metamorfoseado num homem alto e robusto, a cujo rosto as fadigas da guerra tinham dado um tipo másculo.

O conde Xavier deixara a pátria ao mesmo tempo que o primo e amigo conde Estanislau e, como este fora servir no exército francês e fizera a campanha de Itália.

Tendo então apenas dezoito anos, distinguiu-se mostrando tanta coragem, que o general em chefe o nomeara ajudante de campo e que aos vinte anos alcançara o posto de coronel.

Como as feridas que recebera exigiam algum tempo de repouso, voltara à pátria, e, portador duma carta de Estanislau para a sua noiva, vinha ao castelo do conde Nepomuceno, onde Hermenegilda, numa alucinação

febril, o tomou pelo primo.

O conde Nepomuceno e o médico tentaram, mas em vão, acalmar Hermenegilda, que resolveu não sair dos seus aposentos em quanto o recém-vindo estivesse no castelo.

VI

Xavier ficou aflito com a decisão de Hermenegilda. Escreveu-lhe dizendo que lhe fazia expiar bem rigorosamente uma desgraçada semelhança de que não era culpado. Acrescentou que a sua grande desventura atingia também a Estanislau, porquanto este lhe confiara uma carta de amor dizendo que comunicasse a Hermenegilda de viva voz o que não tinha tido tempo de escrever. Pela resolução da jovem, via-se impossibilitado de cumprir aquela missão.

A criada de quarto de

Hermenegilda, que Xavier comprara, encarregou-se de lhe apresentar o bilhete aproveitando-se duma ocasião favorável e as poucas linhas de Xavier fizeram o que o pai e o médico não tinham podido fazer. Hermenegilda consentiu em recebe-lo. Esperou-o no seu quarto, silenciosa, de olhos baixos. Xavier entrou a passos um tanto hesitantes e veio sentar-se defronte da jovem, mas, inclinando-se na cadeira, mais parecia ajoelhado do que sentado.

Nesta postura, pediu-lhe perdão nos mais tocantes termos, como se se acusasse dum crime irremissível que, no fim de contas, provinha dum equívoco. Depois, entregou-lhe a carta e começou falando de Estanislau, dizendo-lhe com que fidelidade cavalheiresca pensava sempre na sua dama quando combatia, com que ardor amava a

liberdade e a pátria. O fogo e a vivacidade da narração de Xavier arrebataram Hermenegilda, que, pela primeira vez desde o começo da entrevista, fixou no mancebo os seus encantadores olhares; e este, como Calaf, embriagado de amor pelo olhar de Turandot², a custo continuou a narrativa. Sem mesmo dar por isso, e preocupado pela luta que sustentava contra uma paixão cujo ardor ameaçava aumentar, perdeu-se numa confusa descrição de batalhas. Falou de cargas de cavalaria, de batalhões esmagados, de baterias tomadas. Hermenegilda interrompeu-o com impaciência: — Malditas sejam essas cenas sanguinolentas preparadas pelo inferno! Diga-me só que ele me ama!

Xavier, muito impressionado, pegou a mão da jovem e apoiou-

a contra o coração.

— Escuta-o, a ele próprio, ao teu Estanislau! — exclamou, deixando sair dos lábios uma torrente de protestos de ardente amor, como que inspirados na mais devoradora paixão.

Caíra aos pés de Hermenegilda, enlaçara-a nos braços e procurava atraí-la a si, quando a jovem o repeliu, fixando-o com um olhar estranho.

— Vaidoso boneco! — disse com voz surda. Ainda que te desse vida com o calor do meu seio, nunca serias, não és o meu Estanislau!

E saiu do quarto lentamente, sem ruído;

Xavier viu já tarde a sua leviandade; sentiu que amava perdidamente Hermenegilda, a noiva dum parente e amigo, e que corria o risco de atraiçoar a amizade que o unia a Estanislau. Adotou a heróica resolução de

partir sem tornar a ver a donzela e mandou arranjar as malas e preparar a carruagem.

O conde Nepomuceno ficou admirado, quando Xavier se foi despedir dele. Empregou todos os meios para o fazer desistir daquele propósito, mas Xavier, a pretexto de negócios urgentes, recusou-se com uma firmeza que mais provinha do nervosismo do que da força de vontade.

Quando o criado de Xavier estava na antecâmara com a capa do amo e este, de espada à cinta, pegava no boné para se dirigir para a carruagem cujos cavalos relinchavam de impaciência, abriu-se a porta do salão e Hermenegilda entrou com o pai, aproximou-se do conde Xavier e disse-lhe com um sorriso de inexprimível graça:

— Vai-se embora, meu caro

Xavier? E eu que contava ouvi-lo falar mais vezes do meu amado Estanislau! Não sabe que as suas narrativas me consolam maravilhosamente?

Xavier corou e baixou os olhos. Sentaram-se. O conde Nepomuceno assegurou por várias vezes que desde muitos meses não via Hermenegilda tão tranquila e expansiva. Chegou a hora da ceia. A uma ordem do conde, foi a refeição servida no salão em que estavam. Com o rosto animado, Hermenegilda encheu uma taça de espumante vinho da Hungria e bebeu pelo noivo, pela liberdade e pela pátria.

— Partirei esta noite, disse Xavier consigo mesmo.

Levantada a mesa, Xavier perguntou ao criado se a carruagem o estava esperando. Este respondeu-lhe que, por ordem do conde Nepomuceno,

as bagagens haviam sido descarregadas e postas de novo no quarto, a carruagem voltara para a cocheira e os cavalos para a cavalaria.

Xavier tomou um partido. A imprevista aparição de Hermenegilda convencera-o de que era possível e, mais ainda, conveniente que ficasse, e desta convicção resultou uma outra: devia ser senhor de si, isto é, reprimir os arrebatamentos da paixão, os quais, irritando o espírito doentio de Hermenegilda, lhe podiam ser prejudiciais. E terminou estas reflexões dizendo que podia esperar tudo das circunstâncias, e que Hermenegilda, tirada dos seus devaneios, viria talvez a preferir um presente tranqüilo a um futuro duvidoso, e que, ficando no castelo, não era nem desleal nem traidor para com o amigo.

VII

No dia seguinte, Xavier tornou a ver Hermenegilda. Comedindo-se com cuidado, conseguiu acalmar o ardor do sangue e lutar eficazmente contra a paixão. Conservando-se nos limites das mais estritas conveniências, deu à conversação o tom melífluo de galantaria que muitas vezes oculta um veneno funesto para a mulher.

Xavier, mancebo de vinte anos, pouco hábil nas astúcias amorosas, mais guiado por um fino tacto, demonstrou a arte dum experimentado mestre. Só falou de Estanislau, do seu inexprimível amor pela bela noiva; mas, com o fogo que ativou, soube-se destramente iluminar a si próprio, de maneira que Hermenegilda, apossada dum penoso desvairamento, não

sabia como separar as duas imagens, a de Estanislau ausente e a de Xavier presente.

Em breve a presença deste se tornou indispensável para Hermenegilda, completamente fascinada; viram-nos então quase sempre juntos e conversando familiarmente como dois namorados. O hábito foi gradualmente vencendo a timidez de Hermenegilda, e ao mesmo tempo Xavier transpôs a barreira que entre eles levantavam as frias conveniências e em cujos limites se conservara até ali. Hermenegilda e Xavier passeavam, de braço dado, pelo parque e a jovem abandonava-lhe negligentemente a mão quando, sentado junto dela no seu quarto, o mancebo falava de Estanislau.

Absorvido pelos negócios de Estado, e por tudo que se

relacionava com a pátria, o conde Nepomuceno era incapaz de sondar corações. Contentava-se em ver o que se passava à superfície; o seu pensamento, morto para qualquer outro assunto, não podia refletir senão passageiramente, como um espelho, às fugitivas imagens da vida, que se desvaneciam sem deixar vestígios. De modo algum suspeitou do estado do coração de Hermenegilda e não achou mau que a filha trocasse um mancebo vivo pelo boneco que o delírio lhe fazia tomar pelo noivo. Julgou mostrar mui finura ao prever que Xavier, genro tão conveniente como o outro, não tardaria a substituir Estanislau, e deixou de pensar neste último.

Xavier teve análogas idéias; persuadiu-se de que, ao cabo de alguns meses, Hermenegilda, por mais preocupada que estivesse com o pensar em Estanislau, consentiria em

escutar os juramentos daquele que o substituí.

Uma manhã, disseram que Hermenegilda se fechara nos seus aposentos, com a criada de quarto, e que não queria ver pessoa alguma.

O conde Nepomuceno julgou que se tratava dum novo paroxismo, que pouco duraria. Rogou ao conde Xavier que empregasse na cura da filha o império que sobre esta exercia, mas qual foi o seu espanto quando Xavier não só se recusava a ir ter com Hermenegilda sob pretexto algum, mas também mostrava mudança completa na sua conduta! Em lugar de ostentar, como dantes, uma ousadia excessiva, estava perturbado como se houvesse visto fantasmas; tinha a voz trêmula, exprimia-se com dificuldade e a sua conversação era vaga,

incoerente.

Declarou que se via obrigado a voltar a Varsóvia; que nunca mais tornaria a ver Hermenegilda; que, nos últimos tempos, o desvairamento da doente o enchera de espanto; que renunciava a todas as venturas do amor; que a felicidade de Hermenegilda, levada até ao delírio, lhe fazia cruelmente sentir a extensão da perfídia de que ia tornar-se culpado para com o amigo, e que uma pronta fuga era o único recurso que se lhe vislumbrava.

O conde Nepomuceno nada compreendeu desta conversa, e esteve tentado a crer que o desvairamento de Hermenegilda contagiara o mancebo. Em vão procurou tranquiliza-lo. Quanto mais o conde provava a necessidade de ver a filha para a curar das suas extravagâncias, mais Xavier teimava em recusar. O oficial abreviou esta

discussão atirando-se para dentro da sua carruagem, e afastando-se como que impulsionado por um poder oculto e incompreensível.

O conde Nepomuceno, irritado e pesaroso com a conduta da filha, não mais se importou dela e Hermenegilda passou muitos dias metida nos aposentos com a criada.

Um dia o conde Nepomuceno estava no quarto, sentado e mergulhado nas suas reflexões. Pensava nas façanhas do homem que os polacos invocavam então como um ídolo, ídolo falso³. De repente abriu-se uma porta e Hermenegilda apareceu de luto carregado, quase totalmente coberta por um comprido véu preto; aproximou-se do pai a passos lentos, solenes e caiu de joelhos, dizendo com voz trêmula:

— Meu pai! O conde Estanislau, meu mui amado noivo, já não existe! Caiu como um bravo num combate sangrento! Está ajoelhada a teus pés a sua inconsolável viúva!

O conde Nepomuceno considerou estas palavras como uma nova prova do desequilíbrio mental de Hermenegilda, tanto mais que, no dia precedente, recebera notícias da boa saúde de Estanislau. Ergueu-a com brandura, dizendo:

— Tranqüiliza-te, querida filha. Estanislau está de saúde; dentro em pouco o terás nos teus braços.

Hermenegilda deu um suspiro, que mais parecia o estertor dum moribundo e, ferida por dor estranha, foi cair sobre os coxins, ao lado do pai. Levou alguns instantes a restabelecer-se daquele delíquio, e disse com singular tranqüilidade:

— Deixe-me dizer-lhe, meu caro pai, o que se passou, para que possa reconhecer-me como viúva do conde Estanislau. Há seis dias, à tardinha, achava-me no pavilhão situado no sul do parque. Todo o meu ser, todos os meus pensamentos eram para o meu bem amado. Senti que os olhos se me fechavam involuntariamente; não dormia mas estava num estranho estado a que não posso dar outro nome senão o de alucinação. Zumbiram-me os ouvidos e pareceu-me que a casa andava à roda; ouvi um tumulto sinistro e um estrondear de tiros, que se aproximavam cada vez mais. Levantei-me e mui espantada fiquei de me achar numa barraca de campanha. Ele, o meu Estanislau, estava de joelhos em frente de mim! Abracei-o. — "Deus seja louvado! exclamei; vives, és meu!" Disse-me que

logo após a cerimônia nupcial
eu caíra num profundo desmaio.
Lembrei-me então da benção
que nos fora dada, numa capela
vizinha, pelo padre Cipriano, no
meio do troar da artilharia e do
ruído do combate. Cintilava-me
no dedo o anel de casamento;
era inexprimível a ventura que
sentia em apertar meu esposo
nos braços; um arroubamento
sem nome, e que nunca
experimentara, me enchia a
alma; perturbaram-se os meus
sentidos; apoderou-se de mim
um frio de gelo; fechei os olhos.
Espetáculo horroroso! De
repente, acho-me no meio duma
refrega furiosa. A tenda, donde
provavelmente me haviam
arrancado, arde. Estanislau é
rodeado por cavaleiros inimigos;
os amigos voam em seu
socorro, mas é tarde! Um dos
cavaleiros derruba o meu
querido esposo...

Esmagada pela dor,

Hermenegilda caiu de novo desmaiada. Nepomuceno correu em busca de cordiais, que não teve tempo de aplicar porque a filha recuperou os sentidos sob a ação duma energia singular.

— Cumpra-se a vontade do céu!

— disse ela, surda e solenemente; não devo lastimar-me; mas, fiel ao meu esposo ate à morte, respeitarei a sua memória e jamais tomarei ligação alguma terrestre! Choro-lo, orar por ele e pela nossa salvação, eis o dever a que nunca faltarei!

VIII

O conde Nepomuceno julgou que a loucura da filha criara aquela visão. Esperou que o luto de Hermenegilda contribuiria para mudar tão desordenada agitação em uma dor tranqüila e concentrada, e contou com o

regresso do conde Estanislau
para pôr termo a esta nova
extravagância.

Por vezes o velho fidalgo
pronunciava as palavras:
devaneios, visões; mas
Hermenegilda sorria com
amargura, unia aos lábios o anel
de ouro, que trazia no dedo, e
banhava-o em lágrimas
ardentes.

O conde notou com espanto que
aquele anel não pertencia
realmente à filha; nunca lho vira;
fez mil conjecturas sobre a sua
proveniência, mas sem se dar ao
trabalho de uma investigação
séria.

Veio afligi-lo uma má nova: o
conde Estanislau fora feito
prisioneiro.

Por esta época chegou ao
castelo o príncipe Zapolski com
sua mulher. Morta a mãe de
Hermenegilda, a princesa
substituíra-a para com a órfã,

que lhe testemunhava dedicação filial. A jovem, patenteando-lhe o coração, lastimou-se amargamente de que, embora tivesse as mais convincentes provas da sua união com Estanislau, a tratassem como visionária e insensata. A princesa, já sabedora do desequilíbrio mental de Hermenegilda, de modo algum a quis contradizer; contentou-se em lhe assegurar, que com o tempo tudo se esclareceria e que por enquanto era conveniente que se submetesse à vontade do céu.

A princesa tornou-se mais atenta quando Hermenegilda lhe falou do seu estado físico, e lhe descreveu os sintomas singulares duma indisposição que sentia. Viram a princesa velar por Hermenegilda com a mais viva solicitude e surpreendente ansiedade, à medida que a jovem parecia

restabelecer-se. Uma vermelhidão bem pronunciada foi substituindo, a pouco e pouco, a palidez lívida do rosto e dos lábios de Hermenegilda, e os olhos perdiam o fogo sombrio, sinistro, que dantes os animava, e tornavam-se suaves e serenos. As suas formas emagrecidas arredondavam-se a olhos vistos, e dentro em pouco voltaram a frescura e a beleza.

Todavia a princesa parecia considera-la mais doente do que nunca, porque, logo que ela suspirava ou empalidecia um pouco, lhe perguntava com inquietação bem visível:

— Como estás? O que tens? O que sentes, minha filha?

O conde Nepomuceno, o príncipe e a princesa, reuniram-se um dia, discutindo o estado de Hermenegilda e a sua idéia fixa de que era viúva de Estanislau.

— Infelizmente creio o seu delírio incurável, disse o príncipe, porque não estando fisicamente doente, as forças corporais mantêm-lhe a perturbação da alma.

A princesa levantou os olhos ao céu com um modo triste e pensativo.

— Sim, continuou o príncipe, não sofre e contudo, em seu detrimento, atormentam-na fora de propósito como se fora uma doente.

A princesa, a quem se dirigiam estas palavras, olhou de frente para o conde Nepomuceno e redarguiu num tom vivo e resolutivo:

— Não, Hermenegilda não está doente; mas se não fosse impossível ela ter-se entregado a alguém, diria, convencida, que está grávida.

E, dizendo isto ergueu-se e saiu do salão.

O conde e o príncipe ficaram atônitos, como que feridos por um raio. O príncipe foi quem primeiro tomou a palavra, dizendo que a mulher também tinha por vezes visões singulares.

O conde respondeu de modo severo:

— A princesa tem razão; uma tal falta da parte de Hermenegilda está no rol das cousas impossíveis. Mas, se te disser que o mesmo pensamento me ocorreu ontem quando a vi, que esta idéia me foi facilmente sugerida pelo seu aspecto, compreenderás naturalmente quanta comoção, quanto pesar me causaram as palavras da princesa.

— Pois é preciso que um médico ou uma parteira decidam a questão, tornou o príncipe, para que seja aniquilado o juízo talvez precipitado da princesa

ou comprovada a nossa vergonha.

Durante muitos dias divagaram sobre vários projetos. Pareceu-lhes cada vez mais suspeito o estado de Hermenegilda e decidiram consultar a princesa sobre o que se devia fazer. Esta rejeitou a intervenção dum médico tagarela e acrescentou que dentro de cinco meses seriam precisos outros socorros.

— Quais? — perguntaram ao mesmo tempo o conde e o príncipe.

— Já não tenho dúvidas, prosseguiu a princesa com modo firme. Ou Hermenegilda é uma hipócrita infame ou há nisto um mistério inconcebível. Está positivamente grávida.

Esmagado pela consternação, o conde não pôde a princípio articular palavra; mas depois, dominando-se com esforço,

pediu à princesa para que a todo o custo soubesse de Hermenegilda o nome do miserável que imprimira no seu nome uma nódoa indelével.

— Hermenegilda ainda não suspeita de que conheço o seu estado, disse a princesa, e decerto saberei tudo logo que lho diga. Cairá a máscara da hipocrisia ou terei brilhantes provas da sua inocência, o que, devo confessar, me parece mui problemática.

IX

Naquela mesma noite, a princesa foi ter com Hermenegilda, cuja gravidez era cada vez mais aparente. Pegou-lhe nos dois braços, encarou-a bem e disse-lhe de repente e com intimativa:

— Minha querida, tu estás grávida!

Hermenegilda ergueu os olhos ao céu como num êxtase celeste, e exclamou com a mais viva alegria:

— Oh! Minha mãe, minha mãe, eu bem o sei! Sei-o há mui tempo e sinto um inexprimível bem estar, não obstante o meu caro esposo ter caído sob os golpes homicidas dos inimigos. Sim, sinto ainda os momentos da minha maior felicidade terrestre. e o meu bem amado revive no terno penhor duma doce união!

Pareceu à princesa que tudo dançava em volta de si e que ia perder a cabeça. A ingenuidade das expressões de Hermenegilda, o seu arroubamento, aquele tom de verdade, não permitiam acusá-la de perfídia, e só se podia compreender que o delírio a cegasse a respeito da grandeza do seu erro.

Ferida por esta última idéia, a princesa repeliu a jovem e exclamou colérica:

— Insensata! Podia um sonho pôr-te nesse estado, que a todos nós nos vota à ignomínia?

Julgas lograr-me com essas narrativas absurdas? Reflete; invoca as tuas recordações; só uma confissão ditada pelo arrependimento te pode reconciliar conosco.

Banhada em lágrimas de dor, Hermenegilda caiu aos pés da princesa, dizendo com voz gemente:

— Também tu, minha mãe, me chamas visionária? Também tu recusas crer que a Igreja me uniu a Estanislau; que sou sua mulher? Não vês o anel que trago no dedo? Mas o que estou eu a dizer? Pois conhecendo tu o meu estado, não achas isto bastante para te convenceres de que não sonhei?

Com grande espanto seu, a princesa reconheceu que nunca o pensamento duma falta ocorrera a Hermenegilda e que esta não compreendia as censuras que lhe dirigira. A triste, apertando com fogo contra o coração as mãos da mãe adotiva, suplicou-lhe que acreditasse no casamento, comprovado como era pelo seu estado. A boa senhora, desconcertada, fora de si, não soube o que responder, nem que meio devia empregar para descobrir algum vislumbre do segredo que envolvia Hermenegilda.

Só muitos dias depois é que a princesa declarou ao conde Nepomuceno que era impossível saber qualquer coisa pela jovem, que julgava, com profunda convicção, trazer no seio um fruto do amor de seu esposo.

O conde e o príncipe, irritados,

alcunharam Hermenegilda de hipócrita, e Nepomuceno jurou que, se os meios brandos não conseguissem dissipar-lhe a loucura e arrancar-lhe a confissão da sua desonra, usaria de medidas de rigor.

A princesa foi de opinião que o emprego da força seria tão cruel como inútil, pois que estava convencida de que Hermenegilda, longe dum embuste, acreditava com toda a alma no que dizia. E acrescentou:

— No mundo há ainda muitos mistérios que estamos mui longe de compreender. Quem sabe se uma ardente união do pensamento terá uma ação física e se as relações espirituais de Estanislau e Hermenegilda produziram esse estado que nos parece incompreensível?

Não obstante a cólera e as inquietações do presente, o

príncipe e o conde não puderam deixar de rir, e classificaram a idéia da princesa como uma das mais sublimes e etéreas que o espiritualismo pode ainda produzir.

A princesa, excessivamente corada, disse que semelhantes cousas se achavam fora do alcance do espírito dos homens; persuadida, como estava, da inocência de Hermenegilda, não deixava de julgar crítica a posição. Propôs uma viagem com Hermenegilda, como o único meio de a subtrair à vergonha.

O conde concordou com esta proposta, porque Hermenegilda mistério algum fazia da gravidez e, se queria conservar a reputação, devia afastar-se do círculo das suas habituais relações.

Regulada a questão, todos se sentiram mais tranqüilos,

especialmente o conde, perante a possibilidade de esconder o funesto segredo ao mundo, cujo escárnio era o que ele mais temia. O príncipe julgou com razão que, dado o estranho encadeamento das circunstâncias e o desarranjo mental de Hermenegilda, se devia esperar que o tempo trouxesse o desfecho de tão extraordinário acontecimento.

Fechada a discussão, iam separar-se, quando a repentina chegada do conde Xavier veio causar novos cuidados e embaraços.

Afogueado por uma rápida correria, coberto de pó, Xavier precipitou-se no salão com o ardor que produz uma paixão desordenada, e, sem cumprimentar, nem dar atenção a pessoa alguma, gritou com voz estridente:

— Morreu! O conde Estanislau

morreu! Não caiu prisioneiro...
não... foi morto pelo inimigo...
aqui estão as provas!...

E, dizendo isto, tirou
rapidamente da algibeira várias
cartas e entregou-as ao conde
Nepomuceno, que ficou
transtornado com o conteúdo. A
princesa deitou um olhar a uma
das cartas; logo às primeiras
linhas pôs as mãos, ergueu os
olhos ao céu e exclamou
dolorosamente:

— Hermenegilda! Pobre criança!
Que inexplicável mistério
Vira que o dia da morte de
Estanislau era precisamente o
que Hermenegilda designara
como sendo o da sua entrevista
com o noivo, e que estes dois
acontecimentos deviam ter sido
simultâneos.

— Morreu, disse Xavier
vivamente. Hermenegilda está
livre. Obstáculo algum se
levanta entre ela e mim, e eu

amo-a mais do que a vida. Peço a sua mão!

O conde Nepomuceno estava incapaz de responder. A princesa tomou a palavra, e declarou que certas circunstâncias os colocavam na impossibilidade de bem acolherem aquele pedido, que presentemente ele não podia ver Hermenegilda e que lhe pediam para partir o mais depressa possível.

Xavier respondeu, que mui bem conhecia a perturbação do espírito de Hermenegilda, à qual naturalmente queriam aludir, mas que não a considerava como obstáculo, pois que o casamento poria termo àquele estado funesto.

A princesa afirmou-lhe que Hermenegilda jurara conservar-se fiel a Estanislau até à morte, que repeliria qualquer aliança e que finalmente a jovem não

estava no castelo.

Xavier pôs-se a rir, dizendo que lhe bastava o consentimento do pai e que tomaria o cuidado de restabelecer a tranqüilidade na alma de Hermenegilda.

Irritado ao último ponto com a inconveniência do mancebo, o conde Nepomuceno declarou que era inútil contar com o seu consentimento e convidou Xavier a sair do castelo.

Xavier encarou-o fixamente, abriu a porta do vestíbulo e gritou ao cocheiro que apeasse as bagagens, que desarreasse os cavalos e os metesse na cavalaria. Depois voltou para o salão e sentou-se numa poltrona junto à janela, dizendo num tom tranqüilo e severo:

— Só à força me arrancarão do castelo antes de ter visto Hermenegilda, antes de lhe ter falado.

— Então ficará aqui por mui

tempo, respondeu o conde Nepomuceno. Em quanto a mim cedo-lhe o lugar e peço-lhe licença para deixar o castelo.

O conde Nepomuceno, o príncipe e a princesa saíram logo do salão para prepararem a partida imediata de Hermenegilda.

Quis o acaso que a jovem, contra os seus hábitos saísse a passear no parque. Xavier avistou-a da janela, correu e alcançou-a quando entrava no fatal pavilhão do sul. O seu estado era bem visível.

— Oh! Poder celeste — exclamou Xavier.

E caiu de joelhos diante dela, fazendo-lhe os mais ardentes protestos de amor e suplicando-lhe que o aceitasse por esposo.

— Conduziu-o aqui um mau gênio, respondeu Hermenegilda com temor e surpresa. Não procure perturbar a minha

tranquilidade. Conservar-me-ei
fiel até à morte ao meu bem
amado; nunca, nunca serei
mulher de outro!

Xavier, vendo repelidas as suas
instâncias e súplicas, disse-lhe
que se enganava a si própria,
que já lhe dera, a ele Xavier, as
mais doces provas de amor;
mas quando se levantou e quis
apertá-la nos braços,
Hermenegilda, numa palidez
mortal, repeliu-o cheia de horror
e desdém, dizendo:

— Miserável! Louco presunçoso!
Não poderás determinar-me a
violar a fé jurada, como não
podes anular a prova da minha
união com Estanislau! Sai da
minha presença!

Xavier cerrou os punhos, e,
dando uma gargalhada de
desprezo, exclamou:

— Insensata! Não quebraste tu
mesmo esses absurdos
juramentos? A criança que

trazes no seio é meu filho! Fui eu que te apertei nos braços aqui, neste mesmo lugar! Foste minha amante e só te restará este título, se o não trocares pelo de esposa!

Hermenegilda fixou-o com um olhar onde brilhavam as chamas do inferno.

— Monstro! — exclamou ela.

E, como que ferida de morte súbita, caiu no chão.

X

Xavier voltou correndo ao castelo, como se fosse perseguido por todas as fúrias do inferno; encontrou a princesa no caminho, pegou-lhe na mão e arrastou-a para o salão.

— Repeliu-me com horror, a mim, ao pai de seu filho!

— Por todos os santos do paraíso! Tu, Xavier! Fala! Será

possível?

— Podem condenar-me, disse ele um pouco mais sossegado; mas quem tiver nas veias um sangue ardente como o meu, tornar-se-á também culpado num momento de fascinação. Encontrei Hermenegilda no pavilhão; era tão extraordinário o seu estado que não posso descreve-lo. Estava estendida num canapé e parecia sonhar, entregue a sono profundo. Apenas entrei, levantou-se, veio ter comigo, pegou-me na mão e conduziu-me para o meio da sala com passos lentos, solenes. Ajoelhou e eu fiz o mesmo; pôs-se a orar e compreendi que imaginava ter um padre na sua presença. Tirou do dedo um anel e apresentou-o ao invisível sacerdote. Recebi-o e dei-lhe o meu em troca. Em seguida deixou-se cair nos meus braços, num acesso de amor ardente... Quando fugi, Hermenegilda ficou

mergulhada em profunda
modorra...

— Miserável! Que horrendo
crime! — exclamou a princesa,
fora de si.

O conde Nepomuceno e o
príncipe entraram e ficaram ao
fato das confissões de Xavier; a
princesa sentiu-se ferida na sua
delicadeza, quando declararam a
ação criminosa de Xavier mui
desculpável, já que podia
reparar-se pelo casamento.

— Não, disse a princesa, jamais
Hermenegilda concedera a mão
aquele que, à laia de gênio mau,
lhe envenenou a existência com
um crime odioso.

— Pois é preciso que seja minha
mulher, disse o conde Xavier
com fria e desdenhosa altivez;
assim é necessário, para a
salvação da sua honra. Fico e
tudo se há de arranjar.

Neste momento ouviu-se um
ruído surdo; traziam para o

castelo Hermenegilda, que o jardineiro encontrara desmaiada no pavilhão. Colocaram-na num sofá; antes que a princesa tivesse tempo de o impedir, Xavier pegou na mão de Hermenegilda. Esta, de súbito levantou-se, dando um horroroso grito que nada tinha de humano; imóvel, inteiriçada em medonha convulsão, fixou no conde um olhar cintilante. Era tão fulminante o seu olhar, que Xavier cambaleou e murmurou com voz inteligível a custo:

— Um cavalo!

A um sinal da princesa, saíram a aprontar um.

— Vinho! vinho! — exclamou o mancebo.

Depois de beber precipitadamente alguns copos, montou dum pulo no cavalo e desapareceu.

O estado de Hermenegilda, cujo

sombrio delírio parecia querer degenerar em loucura furiosa, mudou as disposições do pai e do príncipe, que reconheceram pela primeira vez o horror da irremediável ação de Xavier. Quiseram mandar chamar um médico, mas a princesa rejeitou os socorros da ciência, pois que o caso só requeria, talvez, consolações espirituais; por isso foi chamado o padre Cipriano, frade da ordem mendicante do Carmo e confessor da casa, o qual conseguiu tirar Hermenegilda do seu abatimento e delírio. As melhoras acentuaram-se. Teve com a princesa conversas bem orientadas e exprimiu-lhe o desejo de ir, após o parto, viver penitente, desolada, no convento da ordem de Cister, em Oppeln.

Acrescentou aos trajes de luto, um véu que lhe escondia completamente o rosto e que

nunca mais ergueu.

O padre Cipriano saiu do castelo, mas voltou no fim de alguns dias. Entretanto o príncipe Zapolski escrevia ao Burgomestre de Lilinitz, em casa de quem Hermenegilda devia ter o parto; a abadessa do convento de Cister, parente da casa, devia conduzi-la a Lilinitz; durante este tempo a princesa viajaria pela Itália, acompanhada, na aparência, por Hermenegilda.

Era meia-noite; a berlinda que devia transportar a infeliz ao convento parou à porta.

Acabrunhado pela dor, Nepomuceno, o príncipe e a princesa, esperavam a pobre criança para fazerem as suas despedidas.

Apareceu coberta com o véu, ao lado do frade, que trazia na mão um candelabro, cuja luz iluminou o vestíbulo.

— A irmã Celestina, disse

Cipriano com voz solene, pecou gravemente quando ainda pertencia ao mundo; um crime de Satanás lhe poluiu a pureza; mas um voto, que nunca quebrará, há de dar-lhe consolação, tranqüilidade e a ventura eterna! Nunca mais o mundo tornara a ver o rosto, cuja beleza tentou o demônio! Olhem: é assim que Celestina vai começar a expiação.

O monge levantou o véu e todos deram um grito, Hermenegilda escondera para sempre a angélica beleza do rosto sob uma máscara de palidez mortal.

Sem proferir uma única palavra, a jovem separou-se do pai, que, esmagado pela dor, julgou não poder suportar a vida; o príncipe, homem de mais firmeza, verteu contudo uma torrente de lágrimas; só a princesa, domando com todas as forças o horror que lhe inspirava aquele voto,

conseguiu ser senhora de si.

Nunca se pôde explicar como o conde Xavier descobriu o retiro de Hermenegilda, como soube a consagração do recém-nascido à igreja. Foi inútil o rapto do filho, porque, quando chegou a Praga e o quis entregar a uma mulher de confiança, não estava desmaiado de frio, como Xavier pensara, mas sim morto. O conde Xavier desapareceu sem deixar vestígios; pensou-se num suicídio.

Eram passados muitos anos quando o príncipe Boleslau Zapolski, durante uma viagem a Nápoles, foi visitar o monte Pausilippo, onde se ergue, no meio da mais deliciosa região, o convento dos Camaldulos. O príncipe dirigiu-se para ali a fim de gozar um panorama dos mais afamados do reino napolitano.

Ao passar pelo jardim do convento, reparou num frade sentado numa grande pedra, com um livro de horas aberto sobre os joelhos e os olhos perdidos no horizonte. No rosto, ainda juvenil, tinha impresso um profundo pesar.

Uma vaga recordação assaltou o príncipe à medida que se aproximava. Cuidadosamente foi prostrar-se atrás dele e reconheceu que o livro era escrito em polaco. Em polaco falou ao religioso, mas este voltou-se com espanto e, apenas reparou no príncipe, velou o rosto e fugiu por entre as moitas, como que perseguido por um gênio mau.

Quando o príncipe contou o incidente ao conde Nepomuceno, este assegurou-lhe que o frade era o conde Xavier.

Notas:

[1](#) A Polônia foi vencida na batalha de Maciejowice em 4 de outubro de 1794 e nela o valente caudilho disse a célebre frase: *Finis Poloniae*, grito de desespero daquele heróico coração. Kosciusko caiu nas mãos dos russos e foi posto em liberdade pelo Czar Paulo I. Morreu obscuro em 1817 com 71 anos de idade.

[2](#) Personagens duma comédia do conde Carlos Gozzi.

[3](#) É provável que Hoffmann se refira aqui a Napoleão, com quem os Polacos inutilmente contaram para restabelecer-lhes a independência.

[contato](#) [biblioteca](#) [discussões](#) [digressões](#) [ensaios](#) [omar khayyam](#) [contos](#) [textos](#) [poemas](#) [conexões](#) [fórum](#) [bate-papo](#)

Sorry, your browser doesn't support Java(tm).